

\* Artigo Original

## **Saúde, doença, ciência e tecnologia: as concepções de profissionais do jornal baiano *A tarde***

**Márcia Cristina Rocha Costa**

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Cruz das Almas, BA, Brasil. Professora do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Doutoranda do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Tem experiência na área de comunicação, atuando como pesquisadora nos seguintes temas: jornalismo científico, divulgação científica, vídeo de divulgação científica, saúde e televisão.

marcia-rocha@uol.com.br

DOI: 10.3395/reciis.v6i4.Sup1.730pt

---

### **Resumo**

Este artigo faz uma reflexão sobre as concepções de saúde, doença, ciência e tecnologia de jornalistas do jornal baiano *A Tarde*, que atuaram numa seção destinada à divulgação científica. A análise aponta a predominância do modelo exógeno na cobertura de saúde feita pelos profissionais, no qual há uma relação de exterioridade da pessoa com a sua doença. A saúde como ausência de doença prevalece nas concepções dos jornalistas e nos textos. Por outro lado, há o conflito entre a visão de ciência e tecnologia (C&T) dos jornalistas e a linha editorial, que prioriza a cobertura de temas de saúde em detrimento de outros campos do saber. Verifica-se o problema da mitologia dos resultados observado por Cascais (2010, on line) em consonância com a imagem otimista da ciência e tecnologia reconhecida pelos jornalistas entrevistados. A abordagem dos textos exclui os conflitos e incertezas inerentes aos processos da ciência, sem estímulo ao debate público sobre o uso da ciência e da tecnologia e seu impacto na vida do cidadão.

**Palavras-chave:** Saúde e doença; Ciência e tecnologia; Jornalismo científico; Divulgação científica; *A Tarde*

### **1. Introdução**

A última pesquisa do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, realizada em 2010<sup>1</sup>, revela que 65% dos entrevistados tem interesse por ciência e tecnologia e quando o assunto é medicina e saúde, esse percentual sobe para 81%. Em busca dessa audiência, a saúde se destaca na pauta cotidiana dos meios de comunicação, mas a abordagem dos temas da ciência nem sempre reflete as concepções dos jornalistas. Uma pesquisa qualitativa realizada com dois jornalistas do jornal baiano *A Tarde*<sup>2</sup> revela como a visão de saúde e doença dos profissionais

---

<sup>1</sup> A pesquisa ouviu 2.016 homens e mulheres com idade superior a 16 anos, no período de 23 de junho a 6 de julho de 2010, em todas as regiões do país. O grau de escolaridade variou do ensino fundamental incompleto ao superior completo.

<sup>2</sup> O *A Tarde* é o mais antigo jornal baiano em atividade e completou 100 anos em outubro de 2012.

está inserida nos textos, reforçando o conceito de saúde associado à ausência de doença. Porém, aponta o conflito existente entre a visão de ciência e tecnologia (C&T) do jornalista e a sua prática na redação, impactada por uma política editorial que segue a lógica comercial, baseada na audiência que o tema saúde desperta, em detrimento de outros campos do saber. A “mitologia dos resultados”, que limita o processo científico a uma realização positiva e esperada, também aparece como indicador da visão otimista dos jornalistas sobre a ciência e a tecnologia.

A pesquisa foi realizada entre 2005 e 2007, quando os jornalistas atuavam na seção Observatório, experiência anterior a atual seção Ciência e Vida, publicada aos domingos no jornal baiano A Tarde, na qual a saúde continua como tema predominante. Das 50 edições analisadas no período de um ano, 75 textos foram catalogados na categoria saúde, entre reportagens, artigos e entrevistas. Desse total, 32 tinham foco na doença, 16 tratavam de tecnologias de saúde (célula-tronco, sexagem, técnicas cirúrgicas, etc) e 27 distribuídos em abordagens voltadas para o bem-estar e qualidade de vida, comportamento, defesa do consumidor e outros.

O levantamento quantitativo dos textos contribuiu para identificar as temáticas abordadas, foco geográfico e origem das fontes, o que serviu de base para as entrevistas com os jornalistas<sup>3</sup>. O objetivo era entender os critérios que fundamentam o trabalho dos jornalistas, bem como a relação entre a visão dos profissionais e a divulgação científica feita na seção. Os depoimentos foram analisados a partir de cinco eixos temáticos: as concepções de saúde e doença; concepções de ciência e tecnologia; a divulgação científica no Observatório; as relações de conflito entre jornalistas e cientistas; e a rotina produtiva e o fator tempo.

## **2. Concepções de Saúde e Doença**

Ao analisar os programas de saúde produzidos pela TV Cultura de São Paulo, Simone Bortoliero (1999) observou algumas características dos saberes que permeiam o universo do profissional de comunicação, esteja ele atuando na TV, no rádio ou no jornal: o saber científico, resultado do conhecimento dos conceitos da área médica/saúde; o saber experiencial, derivado da experiência profissional; e o saber da ação, que vem da experiência tornada pública.

Bortoliero chama a atenção para o sentido do saber compartilhado que surge a partir da prática profissional negociada com outros profissionais e diferentes especialidades no campo da saúde. “São saberes profissionais construídos não só no ambiente de trabalho, nas relações com outros profissionais, mas também resultados da educação na escola, na família, do convívio em seu grupo social”. (BORTOLIERO, 1999, p.141).

Filho de pai médico e mãe farmacêutica, o contato do jornalista A com o campo da saúde vem desde a infância, ouvindo histórias contadas pelo pai, que era sanitarista e acompanhando, em casa, o cotidiano de um médico, que clinicava, recebia representantes de remédios e com acesso a várias publicações da área. Dessa ligação surgiu o entendimento de saúde do

---

<sup>3</sup> As entrevistas foram transcritas e enviadas aos entrevistados junto com uma carta de autorização para publicação. A identidade dos mesmos foi preservada e, por isso, são identificados pelas letras A e B. O jornalista A é editor e repórter, com mais de 25 anos de experiência profissional. A jornalista B é repórter do A Tarde desde agosto de 2005, sua primeira experiência profissional num veículo de comunicação.

jornalista, que revela ter reformulado o seu conceito depois de fazer um curso de jornalismo científico via internet com o professor Wilson Bueno, em 2004.

Antes, acreditava que saúde era não ter doenças ou buscar a cura para algum mal... A partir da vivência com as fontes especializadas descobrimos que ensinar ao leitor formas de prevenção é mais significativo do que falar da doença já instalada... Saúde é o conhecimento das regras básicas para manter o corpo saudável e isso, infelizmente, não se ensina na sala de aula" (jornalista A, 2006)

Na cultura ocidental contemporânea, a doença é um mal a ser evitado. Além de um desvio biológico, o doente enfrenta uma desvalorização social, que se mostra na forma de preconceito em quem é portador de doenças infecto-contagiosas, como a aids, doenças incuráveis, como o câncer, e crônicas, como o diabetes. Segundo Laplantine (2010), prevalece a concepção de saúde como ausência total de doença.

As afirmações do jornalista A reforçam uma visão de saúde ligada à qualidade de vida, à informação como instrumento de prevenção, mas revela também um conceito de saúde associado à ausência de doenças.

Saúde seria em primeiro lugar a gente lembrar, entre outras coisas, de uma pesquisa feita na América Latina envolvendo 900 pessoas. Essa pesquisa perguntava, entre outras coisas, se o indivíduo sabia que a hipertensão é um dos principais fatores do AVC. Apenas 14% dessas pessoas sabiam que o link hipertensão/AVC é quase de 80%. Se não for tratada, os danos serão altos. Passamos a entender que para prevenir a hipertensão é preciso manter hábitos saudáveis (atividade física, dieta equilibrada, evitar o fumo e consumir bebidas moderadamente). (jornalista A, 2006)

Para a jornalista B, a saúde também está ligada à prevenção, seguindo a visão de saúde que prevalece na cultura ocidental, como a ausência total de doença. "Saúde é qualquer coisa que provoque o seu bem-estar, que possa contribuir para o seu bem-estar, seja remediando ou prevenindo. Saúde é o desenvolvimento de estudos que possam trazer menos dor, que possam trazer a cura."(jornalista B, 2006)

A visão de doença dos jornalistas A e B passa pelo modelo exógeno estudado por Laplantine (2010), no qual a doença tem origem num agente que vem do exterior, como os vírus, os fungos, o clima, os modos de vida, as condições ambientais e sociais. Há uma relação de exterioridade da pessoa com a sua doença. Dessa forma, o cigarro, as bebidas, as gorduras, o excesso de sal e açúcar são as causas mais frequentes de doenças.

Fundamentalmente, a doença seria provocada pela adoção de comportamentos não recomendáveis para o equilíbrio do corpo e das emoções. O sintoma ou sinais dele (o alarme interno) avisam mais do que qualquer conhecimento teórico sobre o perigo de certas práticas. Como o hábito de fumar. Ele pode fazer mal ou pode não fazer. Ser um simples prazer ou virar o pesadelo de um câncer. Vai depender de uma série de fatores, como a estrutura genética individual. A subnutrição, problema típico dos países pobres, é outra porta de entrada para muitas doenças. Há ainda as doenças que você contrai ou torna crônica, muitas vezes pela precariedade dos serviços de saúde pública ou pela falta de conhecimento... Você pode ir ao supermercado hoje para comprar venenos em forma de alimentos. (jornalista A).

A jornalista B diz que, exceto as doenças hereditárias ou problemas provocados por outros fatores, como um acidente, tudo tem a ver com a falta de prevenção, com a falta de cuidado

com você mesmo. É uma interpretação exógena da doença, na qual quem segue a cartilha da prevenção vai estar livre dos males da vida moderna, como as doenças do coração e a obesidade. “[...] tudo que você tem é porque você não se preveniu, se você tem problema de coração é porque você não se preveniu, você fumou, você bebeu, tudo está relacionado... eu acho que se você engorda, se você tem colesterol alto é porque você não se cuidou”.(jornalista B)

A concepção exógena da doença mais aceita na cultura ocidental reforça a relação da doença com o meio social e direciona a mídia para divulgação de aspectos preventivos, mostrando a doença em suas causas, sintomas, consequências e formas de tratamento, conforme constatamos nos textos dos jornalistas entrevistados.

[...] é preciso estar atento aos riscos da obesidade abdominal. Embora muitos não saibam, a gordura concentrada nesta região é um dos principais fatores de risco para doenças cardiovasculares (reportagem da jornalista B, jornal A Tarde, 16 de maio de 2005)

A maior umidade do ar facilita as doenças alérgicas, causadas por fungos e ácaros, além de gripe e resfriado. A rinite alérgica, uma inflamação na membrana do nariz, por exemplo, tornou-se a doença crônica mais comum em seres humanos. (reportagem do jornalista A, jornal A Tarde, 11 de agosto 2005)

Sal, açúcar e gordura. Esses são os vilões responsáveis por várias doenças. Estudo do Ministério da Saúde aponta que, todos os anos, 260 mil brasileiros perdem a vida por causa de doenças relacionadas a uma alimentação incorreta (reportagem do jornalista A, A Tarde, 5 de janeiro de 2006)

### No modelo endógeno,

[...] a doença é deslocada para o indivíduo e não é mais considerada como entidade que lhe é estranha; ela vem ou, antes, ela parte do próprio interior do sujeito. Esta compreensão se exprime, ao mesmo tempo, nas noções de temperamento, de constituição, de disposições e predisposições, de tipo de caráter ou astral (os signos do zodíaco), de natureza, de organismo, de campo, de hereditariedade [...] (LAPLANTINE, 2010, p.78)

Apesar da predominância do modelo exógeno refletido nos textos dos jornalistas, as concepções do modelo endógeno aparecem nas reportagens e entrevistas, quando tratam de hereditariedade, falam da predisposição genética ou de histórico familiar de doenças crônicas, tratam de questões internas, emocionais e relacionam o estresse ao câncer.

[...] a epilepsia é uma doença caracterizada por crises súbitas repetidas causadas por uma descarga anormal do cérebro”, explica o neurologista e professor da Faculdade de medicina da Ufba, Jmary Oliveira. Ele informa que há mais de 80 causas para a disfunção, sendo que a predisposição genética é mais comum entre as causas primárias...” (reportagem do entrevistado A, jornal A Tarde, 15 de setembro 2005)

[...] distúrbio de maior frequência na sala de aula, a dislexia é causada por uma condição hereditária que envolve alterações genéticas e no padrão neurológico, explica a neuropediatra Rita Lucena.”. (reportagem do entrevistado A, jornal A Tarde, 4 de agosto 2005)

### 3. Concepções de Ciência e Tecnologia

A concepção de ciência nas sociedades ocidentais tem se modificado nos últimos anos, graças às pesquisas realizadas nas áreas de sociologia, antropologia, filosofia e história da ciência. Já há consenso de que a atividade científica não se restringe a um único observador, mas é resultado da interação de diferentes grupos sociais, campos, áreas de conhecimento e contextos diversos. Zamboni (2001), citando Ziman, fala da ciência como um empreendimento corporativo.

Vê com seus próprios olhos e com os de seus predecessores e colegas. Nunca se trata de um único indivíduo que passa sozinho por todas as etapas da cadeia lógico-indutiva, e sim de um grupo de indivíduos que partilham entre si o trabalho, mas fiscalizam zelosamente as contribuições de cada um. (ZIMAN apud ZAMBONI, 2001, p.33)

A tradição científica recomenda que só depois de passar pela aprovação de uma maioria, os fatos científicos devam chegar ao grande público. Dentro da lógica de mercado, comercial e competitiva, o espaço midiático prioriza resultados em detrimento dos processos e as chamadas tecnologias de ponta ganham privilégios. Ao analisar a mídia e a mitificação das tecnologias em saúde, Valdir de Castro Oliveira (1995) observou que “tanto o combate à doença como a promoção da saúde estão sempre relacionados a algum aparelho tecnológico, a alguma invenção ou ao desenvolvimento de uma nova técnica”. (OLIVEIRA, 1995, p.35)

Ao representar a atividade científica a partir dos seus produtos, Cascais (2010) observa o problema da “mitologia dos resultados”, que surge da prática dos profissionais da divulgação e dos próprios cientistas. Cascais ressalta como a mitologia dos resultados ignora a mudança de paradigmas na dinâmica da produção científica quando fecha a ciência à argumentação, ao debate público, e limita a representação do processo científico a um resultado positivo e esperado, a uma realização finalista e cumulativa. Dessa forma, ignora os processos envolvidos na produção do conhecimento, exclui os resultados inesperados, fortuitos, e desconsidera a progressão, não linear, inerente à atividade científica, atribuindo o sucesso exclusivamente ao rigor metodológico, sem levar em conta os erros na tomada de decisões e escolhas científicas.

Em última análise a mitologia dos resultados não informa, nem forma. Faz do público uma audiência de curiosos: lá onde a curiosidade científica desdobra o desconhecido na procura infinita que mais genuinamente caracteriza a ciência, a mitologia dos resultados devolve o fechamento de um produto fungível que ensimesma o consumidor no labiríntico horizonte da satisfação das suas necessidades incessantemente realimentadas. (CASCAIS, 2010)

A mitologia de resultados está em consonância com o otimismo verificado na já citada pesquisa do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação sobre a percepção pública da ciência, na qual 42,3% dos entrevistados acreditam que a ciência traz mais benefícios para a sociedade do que malefícios e 39% só vêem benefícios na ciência. Assim como a maioria dos brasileiros, os jornalistas do jornal baiano A Tarde entrevistados neste estudo também têm uma visão otimista da ciência e da tecnologia, destacando a importância e utilidade dos resultados do conhecimento científico.

Pra mim, ciência é tudo aquilo que se estuda de forma a se desvendar princípios de fenômenos naturais. De certa forma, cabe ao cientista atribuir sentido ao desconhecido. Veja, por exemplo, o caso do bacilo de Koch, agente causador da tuberculose. Antes de sua

descoberta, a doença era atribuída a uma série de fatores, até de origem sobrenatural. Da mesma forma a temida peste bubônica, cuja letalidade aterrorizou milhares de pessoas. O esclarecimento do desconhecido através de uma metodologia específica permite a produção de conhecimento que muitas vezes liberta do medo. Quantos não temeram o raio até se saber do que se tratava?...Retomando, ciência é aquilo que tem um resultado, que pode ser comprovado ou reproduzido por determinado método, aceito por um grupo e não só aquele que promoveu o estudo. (jornalista A)

Eu acho que a ciência é capaz de muitas coisas, ela interfere muito no desenvolvimento tanto econômico quanto social da população. Ela tem essa capacidade a partir dos estudos que são desenvolvidos, a partir da divulgação. Ela é capaz de mudar as coisas. Eu tenho uma visão muito positiva da ciência, agora, ciência para mim não é só saúde. Ciência é muito mais. Eu sempre digo que ciência, eu ouvi isso uma vez e repito: a ciência vai de A a Z. Vai da astronomia, astrologia<sup>4</sup> até a biologia. Se você percorrer aí, você vai encontrar ciência em antropologia, sociologia, ela é tudo, a ciência está em tudo e você pode buscar a ciência em tudo. (jornalista B)

A noção de progresso acompanha os avanços do conhecimento e se difunde aliada ao desenvolvimento econômico dos países desde os tempos das grandes navegações e exploração de terras desconhecidas. Na segunda metade do século XVI, a bússola, a pólvora e a imprensa são as inovações que simbolizam o progresso da época. Na análise de Bernardo Jefferson de Oliveira (2002), a arte de navegar foi a que mais influenciou o modelo de conhecimento proposto por Francis Bacon, que aliava o avanço do conhecimento ao sentido de utilidade. As navegações reuniam milhares de pessoas em longas expedições, que acrescentavam inovações a cada descoberta, ganhando o caráter de benefício público, conseguido através de um esforço coletivo. (OLIVEIRA, 2002)

O processo de produção de conhecimentos tecnocientíficos<sup>5</sup> sofreu grandes alterações ao longo da história. Numa perspectiva futura, Lévy-Leblond prevê que a tecnociência pode se tornar tão eficiente em sua aplicação prática que poderá se sobrepor à dimensão intelectual da ciência.

Se rejeitarmos essa perspectiva e insistirmos em manter a dimensão especulativa do esforço científico, salvaguardando a sua natureza como uma grande aventura da mente humana, teremos de mudar de rumo a fim de mantermos a mesma direção traçada nas últimas centenas de anos. (LÉVY-LEBLOND, 2006, p.43)

Os jornalistas A e B se mostram conscientes do que Valdir de Castro Oliveira chama de "*determinismo tecnológico*", que vem invertendo o papel da mídia como sujeito social, sem questionar o verdadeiro sentido das tecnologias e os benefícios de sua aplicação na saúde pública ou na melhoria do meio ambiente e da realidade social.

Em nome de uma suposta superioridade da razão desta ciência professada, difundida e socialmente aceita, os próprios mídias foram levados a crer que a tecnologia determina a

---

<sup>4</sup> O jornalista espanhol Manuel Calvo Hernando, em conferência realizada no I Congresso Internacional de Divulgação Científica na Universidade de São Paulo, de 26 a 29 de agosto de 2002, chamou a atenção para as pseudociências que se aproximam em nome e conteúdo das ciências consagradas pela comunidade científica. Assim, diz Hernando, "la astrologia se resiste a perder su antigua identificación con la astronomia".

<sup>5</sup> O termo tecnociência surge da amálgama entre ciência e tecnologia em seu desenvolvimento histórico. Discute-se hoje que não só a ciência oferece o conhecimento teórico para a aplicação tecnológica, mas também a tecnologia serve de instrumento para as experimentações científicas.

natureza do nosso sistema de valores e de nossas relações sociais, em vez de reconhecer que é justamente o inverso, isto é, que são nossos valores e de nossas relações sociais que determinam a natureza da tecnologia. (OLIVEIRA, 1995, p.30)

A visão de tecnologia do jornalista A está associada a uma noção de desenvolvimento científico, especialmente no campo da medicina, mas verifica-se um compromisso social com o acesso da população às tecnologias disponíveis no mercado.

[...] pensamos a tecnologia, que nada mais é do que expressar determinado conhecimento científico em um artefato de uso prático, que melhore a vida do ser humano, melhore as condições de trabalho. Fora disso, não tem utilidade nenhuma, a não ser para estimular o consumo desnecessário. O equipamento de tomografia computadorizada. Ela é excelente invenção, mas serve a quem? O equipamento em si tem que valor? O seu valor só se justifica se as pessoas que estejam com algum problema tenham acesso a ele. (Jornalista A, 2007)

Ao citar as tecnologias que considera mais importantes para a melhoria da qualidade de vida, o jornalista A lembra a importância do saneamento básico para o controle das epidemias, as técnicas de segurança alimentar, o antibiótico e o controle da dor. A concepção de tecnologia da jornalista B também passa pelo desenvolvimento de produtos em benefício do coletivo, como uma vacina, mas também pela visão do inventivo, avançado. Ela segue uma tendência visível na cobertura da imprensa do país, seduzida pelas descobertas na área da genética/biotecnologia, mas também demonstra interesse pelas tecnologias que melhorem o meio ambiente.

Tecnologia é tudo que é desenvolvido para beneficiar a sociedade de alguma forma. Então, o desenvolvimento de uma vacina é tecnologia [...] o que se tem utilizado na tecnologia, na área de genética, eu acho que a gente pode ter muitos ganhos. [...] a possibilidade de escolher o sexo do filho, através da genética, da tecnologia que a gente tem hoje. [...] tudo que está relacionado à biodiversidade. Agora mesmo a gente fez uma matéria falando sobre uma bióloga que descobriu uma maneira de reduzir a toxidade da gasolina. Isso é muito bacana. Assim, é uma coisa que vai ajudar toda e qualquer sociedade, no Brasil ou fora do Brasil" (jornalista B, 2007).

As concepções de ciência e tecnologia do jornalista podem determinar o direcionamento da sua produção, privilegiando campos de pesquisa em detrimento de outros. No caso dos jornalistas entrevistados, esse direcionamento está impactado por uma linha editorial determinada pela direção do jornal, já que os dois profissionais reconhecem a ciência em outros campos fora da saúde e demonstram interesse em diversificar a pauta. Um entendimento que nem sempre é compartilhado na redação, como afirma a jornalista B:

[...] outro dia eu entrei numa discussão séria com uma pessoa aqui no jornal, da direção, porque ele falou: a gente vai dar saúde, sempre oferecer pauta de saúde. Eu falei: porque a gente não vai dar isso aqui? Ah não, porque o leitor não quer. Como é que você sabe que o leitor não quer? [...] Eu não me lembro o que era agora, mas não era matéria de saúde, era matéria de outro campo da ciência, mas era ciência e era para o Observatório porque também tem isso. Ah, isso não é para o Observatório. [...] O meu entendimento do que pode ser publicado, do que é ciência e pode ser publicado no Observatório muitas vezes é um, e, no entendimento de outras pessoas, é outro. Então, há esse choque às vezes [...] Eu acho que essa falta de visão da amplitude da ciência, do que é ciência em si, acaba dificultando um pouco a nossa vontade..." (jornalista B)

Os conflitos de comunicação interna se somam ao conflito entre cientistas e jornalistas. Mesmo na área de saúde, onde se costuma ter uma cobertura generosa e uma maior participação de médicos e cientistas, a dificuldade de comunicação limita o trabalho dos jornalistas. A facilidade de diálogo do jornalista com cientistas e profissionais de centros de pesquisa, que adotam uma política de comunicação voltada ao público externo, como a USP, e o farto material recebido das agências de notícias ampliam o espaço local para fontes nacionais e internacionais e escondem a diversidade da produção científica baiana. Da mesma forma, dificulta o confronto de ideias em resultados de estudos estrangeiros, além de favorecer a cobertura de grandes empreendimentos científicos da área de saúde, em detrimento das ciências humanas e da pesquisa local. Um panorama que, associado a uma rotina oprimida pelo tempo, coloca a prática profissional na contramão do pensamento do jornalista ao tratar de assuntos de ciência e tecnologia.

Você não pode fazer uma pauta de responsabilidade sem ter um leque de fontes que pensem e sustentem aquilo [...]. A nossa preocupação, minha e de [jornalista B], é justamente ser o mais fiel possível às fontes de informação e, ao mesmo tempo, diversificar essas fontes, tendo em vista esses cuidados iniciais que são importantes, a questão da discriminação da informação gerada externamente, porque vai interferir na saúde humana. (jornalista A)

Eu acho que o Observatório não deveria sair só com matéria de agência. É um pedido da direção também que não saia só com matérias nossas no Observatório. Mas assim, só matérias de agência, não. E porque só sai matéria de agência às vezes? Porque nem eu nem ele (jornalista A) acaba tendo tempo de fazer matéria e aí a gente acaba dando matéria de agência." (*sic*) (jornalista B)

Apesar de defenderem um jornalismo científico capaz de separar a ciência do mero sensacionalismo promocional dos conglomerados industriais e de determinadas pesquisas, nem sempre a visão crítica dos jornalistas A e B prevaleceu na cobertura das notícias de C & T publicadas na seção do jornal baiano. Segundo Wilson Bueno, a área da saúde é uma das mais prejudicadas com o domínio dos interesses comerciais e a falta de qualificação das informações, oriundas de laboratórios, indústrias farmacêuticas, universidades, centros de pesquisa, hospitais, clínicas e profissionais da saúde. "Todos eles interessados em divulgar seus conhecimentos, seus resultados de pesquisa, seus produtos, suas tecnologias ou a sua excelência na prestação de serviços". (BUENO, 2007)

Contrariando o sentido social da ciência e da tecnologia professada pelos jornalistas A e B, a edição incluiu reportagens que destoaram do caminho do jornalismo científico, sugerindo curas e expectativas precipitadas, favorecendo a indústrias, laboratórios e tecnologias através do discurso médico-científico. Os medicamentos são citados geralmente em matérias de agências, como na reportagem da Agência Estado, publicada no dia 15 de setembro de 2005, que fala de um estudo que pretende apontar qual a droga mais eficaz contra o câncer, numa comparação entre o tamoxifeno e o raloxifeno. O mesmo ocorre em 24 de novembro 2005, numa matéria sem assinatura que trata de um estudo divulgado pela Reuters sobre os benefícios da aspirina para mulheres em fase pós-menopausa em doenças cardíacas. A edição inclui foto da aspirina.

Em 30 de março de 2006, uma reportagem da Agência Estado é publicada com o título apelativo "terapia controversa pode ser a cura do diabetes". A única fonte é o diretor de um hospital americano e a edição traz foto do aparelho glicosímetro, sendo usado para exame no dedo de uma pessoa. Foto e título constroem um chamariz para uma experiência bem

sucedida em ratos. A legenda, em letra bem menor, informa que a diabetes é crônica e a cura é uma hipótese distante.

Numa outra matéria, do jornal espanhol El País, publicada no dia 9 de fevereiro de 2006 e traduzida pelo jornalista A, os fabricantes de pílula hormonal são beneficiados com a divulgação já no título: “estudo diz que pílula hormonal não engorda”. A edição traz foto de pílulas. Dos textos produzidos pela reportagem local, também identificamos foco em remédios na reportagem do dia 1 junho 2006, intitulada “novas drogas inteligentes combatem o câncer”. O texto não é de um dos repórteres fixos do Observatório e ressalta os resultados positivos com o tratamento feito com dois medicamentos do laboratório Roche para o combate ao câncer, testados em 700 pacientes de vários países, entre eles, nove baianos. A edição traz infográfico mostrando como os medicamentos atuam, mas a reportagem não inclui outras drogas desenvolvidas, nem discute o acesso da população a esses avanços contra o câncer através do SUS, considerando que o custo médio do tratamento com as drogas citadas é de \$2,5 mil, nos EUA.

Nas estratégias de parceria com a ciência, a indústria farmacêutica também aparece na reportagem “doenças cardiovasculares crescem entre as mulheres”, de 9/03/06. A jornalista B viajou a convite do Laboratório Pfizer, informação que está no pé da matéria e justificada no texto: “[...] a terceira edição da campanha coração de mulher, realizada na última terça-feira, em São Paulo, que conta com o apoio do Laboratório Pfizer”. A matéria se limita a uma única fonte e se distancia do contexto local, trazendo dados nacionais e internacionais, sem falar da realidade local. Vê-se aqui o investimento dos laboratórios em eventos de apelo popular para atrair a mídia que, mesmo indiretamente, faz a associação do laboratório a uma boa causa.

Na área da saúde, esta aproximação chega a ser ostensiva, seja pelo assédio das fontes (empresas, universidades, governos, profissionais), seja pela adesão, muitas vezes ingênua, dos veículos e jornalistas. Por este motivo, não é incomum que a cobertura de saúde esteja povoada de releases emitidos por estas fontes, disfarçados como matérias isentas, legitimadas pela incidência de conceitos e resultados de pesquisas, oriundos de empresas tidas como líderes e de universidades e centros de pesquisa considerados como referência. (BUENO, 2007)

A contextualização com a realidade local é um olhar que evidencia a distância entre o desenvolvimento da ciência e o acesso aos benefícios da mesma, principalmente nos países em desenvolvimento, como o Brasil. Esse caminho exige do jornalista uma postura muito mais crítica e menos seduzida pelas descobertas científicas e as estratégias de comunicação empresarial da indústria da saúde, fortalecidas pelo discurso da entidade especialista. Segundo Wilson Bueno,

podemos definir a prática brasileira de comunicação para a saúde a partir de uma série de parâmetros, como a descontextualização, a centralização do foco na doença, a visão preconceituosa das terapias e medicinas alternativas, a ideologia da tecnificação, a legitimação do discurso da competência e a espetacularização da cobertura na área médica. (BUENO, 2007)

#### **4. Considerações finais**

As concepções sobre saúde, doença, ciência e tecnologia dos jornalistas entrevistados apresentaram aproximações e, ao mesmo tempo, distanciamento em relação aos textos publicados na seção do Jornal A Tarde, destinada à divulgação científica. A visão dos jornalistas sobre saúde e doença se reflete nos textos, seguindo a pretensão da cultura ocidental que favorece a concepção exógena da doença e sua relação com o meio social. Dessa forma, a prevenção contra doenças para garantir a saúde prevaleceu na abordagem das matérias no primeiro ano da seção, mesmo quando a concepção endógena aparece para tratar o problema relacionado a uma predisposição genética, ou seja, que parte do interior do próprio indivíduo e não de fatores externos.

As concepções de ciência e tecnologia dos jornalistas se distanciam da linha editorial que privilegia os temas de saúde em detrimento de outros campos do saber reconhecidos pelos profissionais. A cobertura não corresponde a visão de ciência dos jornalistas, relacionada a uma pluralidade de saberes e grupos sociais. Por outro lado, a mitologia dos resultados presente nas concepções de C & T dos jornalistas aparecem nos textos que ressaltam as soluções oferecidas pela ciência e pela tecnologia, excluindo da abordagem os conflitos e incertezas dos processos da ciência.

Na interface entre o mundo científico e uma vasta audiência, a comunicação plural e equilibrada pode evitar que o público tenha acesso apenas a visões limitadas, que defendem posições específicas, mas a um contexto que permita ao cidadão tomar decisões por conta própria. Na perspectiva dos estudos de CTS (Ciência, Tecnologia e Sociedade), que surgiram nas décadas de 1960 e 1970, e tem uma abordagem interdisciplinar e crítica da ciência desenvolvimentista, a atividade científica é de natureza social e, como tal, não se limita aos resultados positivos, às descobertas e curiosidades, mas permite possibilidades de escolha, diferentes pontos de vista, conflitos e incertezas inerentes ao processo de criação científica, que contribuam para o debate público. Nesse sentido, os estudos sociais em ciência e tecnologia buscam investigar uma atividade que envolve relações humanas, interpretações, questões éticas, econômicas e políticas relacionadas ao uso da ciência e seu impacto na vida da população, ao funcionamento da comunidade científica e à compreensão pública da ciência e dos cientistas. (BAZZO; VALÉRIO, 2006)

A experiência de divulgação científica dos jornalistas do jornal baiano A Tarde relatada neste estudo mostra que, mesmo não tendo total autonomia nos espaços que trabalham, ainda assim, os jornalistas podem atuar de forma a convencer os colegas de redação, no mínimo, propor o debate para estimular um novo olhar sobre a ciência e tecnologia, capaz de romper as fronteiras da saúde para outros campos do saber.

Os dois jornalistas entrevistados nesta pesquisa concluíram em 2012 o primeiro curso de especialização em jornalismo científico na Bahia, realizado na Faculdade de Comunicação da Ufba. Essa busca pela qualificação profissional também fortalece a capacidade do jornalista de interferir nas decisões do corpo editorial, não só a partir de uma abordagem mais crítica dos assuntos de ciência e tecnologia, mas também de um diálogo entre a academia e a imprensa, com os cientistas e as instituições de pesquisa, de onde vem boa parte das notícias científicas que interferem na vida do cidadão. Dessa forma, acredita-se que a mitologia dos resultados, que permeia as concepções de ciência e tecnologia dos jornalistas e se reflete na divulgação

científica, possa dar lugar a uma cobertura que, além da informação, conteste a ciência, apresentando não só os benefícios dos seus resultados, mas também as suas mazelas, dando a oportunidade ao cidadão decidir o caminho a seguir.

## Referências

BAZZO, Walter Antônio; VALÉRIO, Marcelo. O papel da divulgação científica em nossa sociedade de risco: em prol de uma nova ordem de relações entre ciência, tecnologia e sociedade. **Revista Iberoamericana de ciência, tecnologia, sociedad e innovación**, número 7, Sep.-Dic. 2006. Disponível em: <<http://www.oei.es/revistactsi/numero7/articulo02b.htm>>. Data de acesso: 23 de julho 2010.

BORTOLIERO, Simone. **Os programas de saúde na TV Cultura de São Paulo**: os saberes profissionais. 1999. Tese (Doutorado em Comunicação) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 1999.

BUENO, Wilson da Costa. Jornalismo científico: resgate de uma trajetória. In: DINZ, Augusto. (Org.). **Comunicação da Ciência**: análise e gestão. Taubaté: Cabral Editora; Livraria Universitária, 2004. p. 11-23.

\_\_\_\_\_. A cobertura de saúde na mídia brasileira: sintomas de uma doença anunciada. [In: MELO, José Marques de et al. **Mídia e saúde**. Adamantina: Unesco/Umesp/FAI, 2001]. Disponível em: <<http://www.jornalismocientifico.com.br>>. Acesso em: 3 abr. 2007.

CASCAIS, Antônio F. Divulgação Científica: a mitologia dos resultados. [In: *CIDOVAL, M. Sousa; MARQUES, Nuno P.; SILVEIRA, Tatiana S.* (Org.). **A comunicação pública da ciência: ciência, tecnologia e sociedade**. Taubaté: Cabral Editora; Livraria Universitária, 2003, p. 65-77]. Disponível em: <[www.bocc.ubi.pt](http://www.bocc.ubi.pt)>. Data de acesso: 23 jul 2010.

LAPLANTINE, Francois. **Antropologia da Doença**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

OLIVEIRA, Bernardo Jefferson de. **Francis Bacon e a fundamentação da ciência como tecnologia**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

OLIVEIRA, Valdir Castro de. Os mídias e a mitificação das tecnologias em saúde. In: PITTA, Aúrea M. da Rocha (Org.). **Saúde e comunicação**: visibilidades e silêncios São Paulo: Hucitec, 1995, p.38-47.

ZAMBONI, L. M. S. **Cientistas, jornalistas e a divulgação científica**: subjetividade e heterogeneidade no discurso da divulgação científica. Campinas: Autores Associados, 2001.

Recebido em: 14/01/2013

Aceito em: 14/02/2013